



Secretaria
do Ambiente

**Superintendência de
Biodiversidade e Florestas
Estado do Rio de Janeiro**



Programa de Apoio às Unidades de Conservação Municipal

Criado em 2009 pela Resolução SEA nº 130 de 28 de outubro

Objetivos do PROUC

- Apoiar os municípios na criação e na implementação de UC de forma a profissionalizar a gestão;
- Incrementar o percentual e a qualidade das áreas destinadas à conservação, contribuindo para a proteção da biodiversidade e para a geração de serviços ambientais.

Atividades:

- Selecionar as áreas adequadas a conservação com menor grau de conflito;
- Realizar estudos técnicos;
- Coletar dados geográficos e criar mapa georreferenciado das UC;
- Fazer consulta pública;
- Capacitar os municípios para criar e gerir UC;
- Apoiar os procedimentos processuais;
- Apoiar a implementação das UC municipais.

Resultados: Total 99.365,197 hectares protegidos (50 UC municipais)
R\$ 5.580.385,00 investidos
29 municípios apoiados

Próximos Passos - PRO UC

- Manualização do processo de criação e gestão de UC Municipais;
- Criar um Mapa de áreas prioritárias para criação de UC Municipais;
- Publicar Catálogo com panorama das UC Municipais do Rio de Janeiro.



Inventário Florestal Nacional no Estado do Rio de Janeiro

Objetivos: Produzir informações sobre os recursos florestais e consolidar uma ferramenta de monitoramento da cobertura florestal do Estado do Rio de Janeiro, para auxiliar as políticas de conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável do Estado.



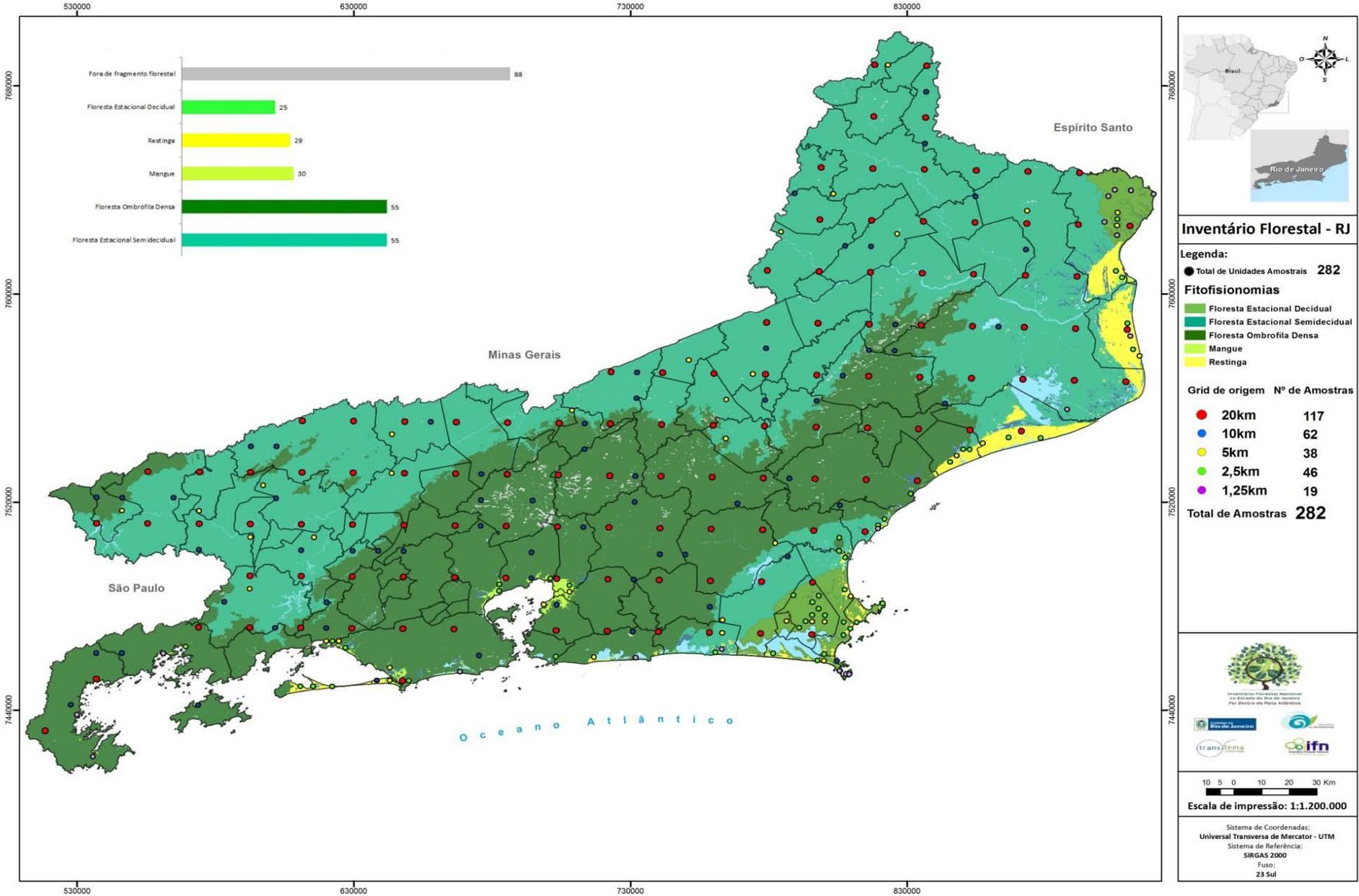
Arranjo Institucional

Instituição	Atividade
SEA/SBF	Coordenação Geral
INEA	Apoio Técnico
SFB	Co-executor/ capacitação/ Controle de Qualidade
JBRJ	Depositário e curador da coleção – exsicatas/ Crivo institucional da identificação botânica
Transtema	Execução levantamento de campo



**Inventário Florestal Nacional
no Estado do Rio de Janeiro
Por Dentro da Mata Atlântica**

Como e onde está sendo realizado o IFN/RJ



Etapas do Levantamento de Campo do IFN/RJ

Grid Nacional = 117 UA
Intensidade ERJ = 165 UA
Total = 282 UA

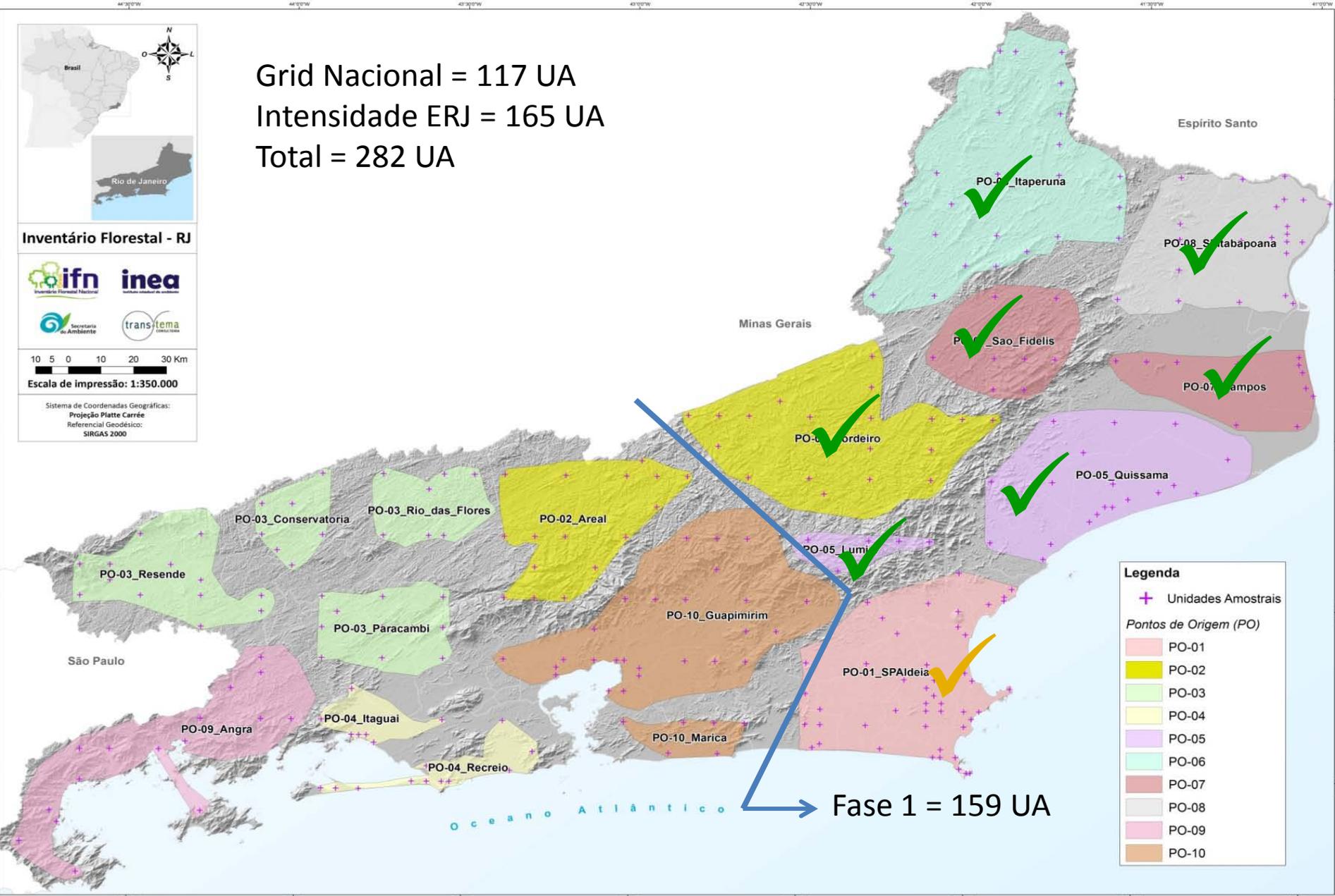
Inventário Florestal - RJ



10 5 0 10 20 30 Km

Escala de impressão: 1:350.000

Sistema de Coordenadas Geográficas:
Projeção Platte Carrée
Referencial Geodésico:
SIRGAS 2000



Legenda

- ✚ Unidades Amostrais
- Pontos de Origem (PO)**
- PO-01
- PO-02
- PO-03
- PO-04
- PO-05
- PO-06
- PO-07
- PO-08
- PO-09
- PO-10



Planos da Mata Atlântica

no Noroeste do Estado do Rio de Janeiro

Pioneirismo do Estado dando um enfoque regional gerando **14 PMMA**, elaborado de forma participativa através da formação dos **Grupos Locais da Mata Atlântica** e o estabelecimento de **5 corredores ecológicos e florestais** (2012-2013).

Atividades iniciadas em 2014, envolvendo 13 municípios. Fase atual formação dos **Grupos Locais da Mata Atlântica**, previsão de conclusão dos PMMA em 2015.

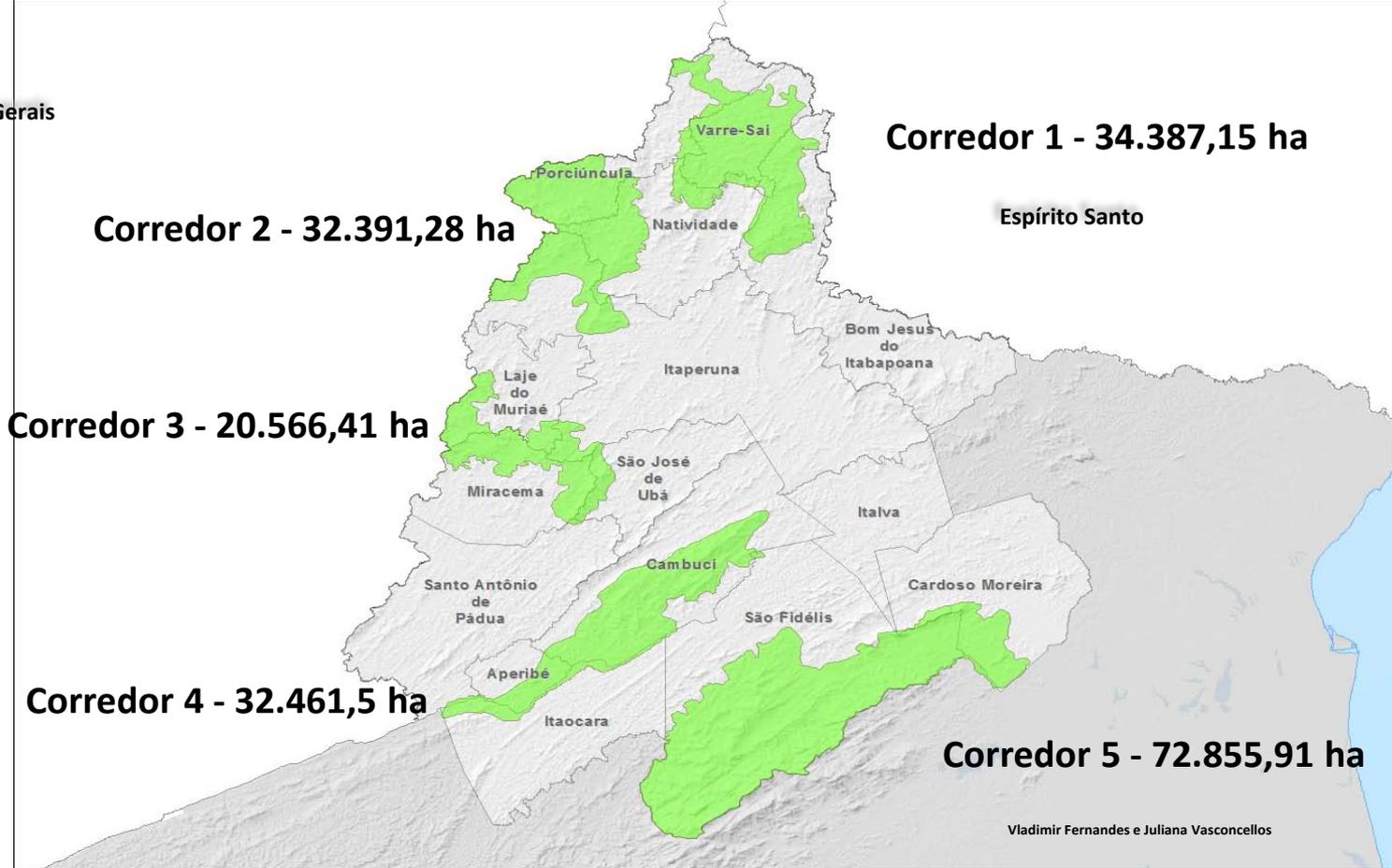


Planos da Mata Atlântica

na região hidrográfica Lagos São João do Estado do Rio de Janeiro

Corredores Ecológicos – Florestais (192.662,24 ha)

Minas Gerais



Vladimir Fernandes e Juliana Vasconcellos



ENTENDENDO O PROCESSO



2009 - a SEA recebeu do Instituto Biomas/UERJ uma lista com as espécies exóticas invasoras no ERJ;

- Instituído o Grupo de Trabalho interinstitucional, Resolução SEA nº124;

2011 - Consulta Pública on-line da Lista Estadual ;

- Aprovado na CCA o projeto para elaboração do programa Estadual de Gestão de EEI

2013 - Contratada o Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental ;

- Realização do Seminário de consolidação da lista estadual com a participação de 46 técnicos/pesquisadores ;

- Realização do workshop para elaboração do programa estadual de gestão de espécies exóticas invasoras com a participação de 52 técnicos;

2013-14 – Realização de 3 capacitações sobre gestão de EEI com a participação de 80 técnicos da SEA/INEA/ ICMBio/SMAC/UERJ e ONG Primatas.

OBJETIVO



Reconhecer as espécies exóticas invasoras no Estado do Rio de Janeiro.

Destaca-se que as invasões biológicas de espécies exóticas invasoras são consideradas a segunda causa mundial de perda de biodiversidade.

CONCEITO



Espécies Exóticas: as espécies, subespécies ou taxa inferiores introduzidos fora da sua área natural de distribuição presente ou pretérita, incluindo qualquer parte, como gametas, sementes, ovos ou propágulos dessas espécies ***que possam sobreviver e posteriormente reproduzir-se***, ainda que dentro do estado do Rio de Janeiro, ***fora de sua área de distribuição natural***;

Espécies Exóticas Invasoras: as espécies exóticas cuja introdução ou dispersão ameaça ecossistemas, ambientes ou outras espécies;

Nem toda espécie exótica é invasora!

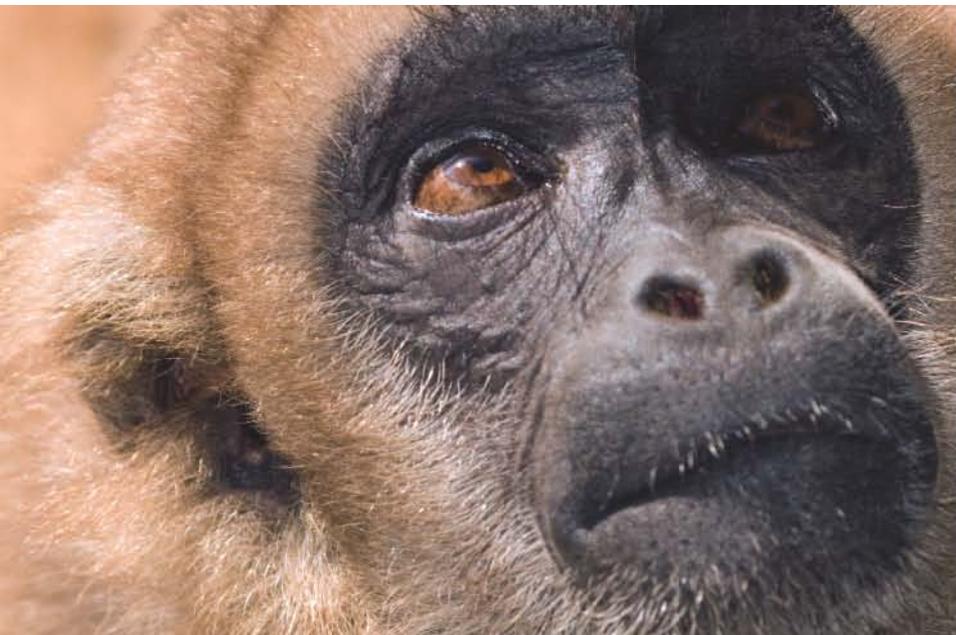


Foto: G. Queiroz/PAZ

Muriqui (*Brachyteles arachnoides*)

DEFENDA TODAS AS ESPÉCIES AMEAÇADAS

DPMA | Delegacia de Proteção Ambiental (21) 2701-0832 | www.policiacivil.rj.gov.br



Freguixa-de-velas (*Brachyops brachyops*): insetivo com três dentes nas partes distantes e coloração de peixe-gato marinho na região da cabeça, dando a impressão de estar "de costas". Habita áreas de mata e de alagado, de áreas abertas, em Teresopolis, Casimiro de Abreu e Tamaritópolis. A destruição de florestas e a seca ocasionam a extinção de indivíduos dessa espécie.

Farrigaleiro-de-litoral (*Parachanna littoralis*): espécie endêmica do rio Paraíba do Sul. Vive em áreas de distribuição restrita, predominantemente ao longo de florestas de Mata Atlântica, no Rio de Janeiro. Região que sofreu intenso processo de ocupação urbana, com a construção de barragens hidroelétricas e esbarramentos que impactam o habitat das áreas.

Lagarto-branco-de-areia (*Liolepis areolaris*): réptil de coloração clara, predominantemente em áreas de mata. É uma espécie endêmica do Estado do Rio de Janeiro, vive apenas nos habitats de praia de restingas. Entre seus estágios sob intenso processo de urbanização devido à grande concentração populacional e utilização de terra, ocasionando perda de restingas.

Muriqui (*Brachyteles arachnoides*): um macaco também conhecido como macaco carvoeiro. É o maior primata das Américas, podendo atingir 15 Kg. Seu habitat é a Mata Atlântica. No Estado, são encontrados na Área de Proteção Ambiental de Casimiro de Abreu, nos Parques Nacionais da Ilha e de São das Orlas, e no Reserva Biológica Tapajós, no Rio Itaipava e Ilha do Povo, e no Parque Estadual dos Três Picos. A destruição de florestas e a seca ameaça a sobrevivência dessa espécie.

Jacutinga (*Pipilo jacutinga*): ave que vive predominantemente em copas de árvores, é endêmica da Mata Atlântica. No Estado, habita áreas baixas de florestas densas de Baixo do Rio Paraíba do Sul. Ameaçado principalmente da destruição e da poluição florestal, por isso sua sobrevivência está ameaçada pela destruição de palmeiras. Uma espécie ameaçada por desmatamento e seca.



DEZ ESPÉCIES EM RISCO DE EXTINÇÃO

Cáspido-do-paraná (*Ptychocheilichthys argenteus*): espécie encontrada nas áreas mais baixas de Baixo do Rio Paraíba do Sul. Vive em pequenos grupos de indivíduos. A ausência de mata ciliar, a remoção das margens, o assoreamento e a poluição das águas são as principais ameaças.

Bela-cruza (*Stethacanthus*): espécie com coloração em tons de amarelo e verde, e predominantemente no Baixo do Rio Grande. Apesar de ser encontrada em áreas de distribuição restrita, vive em grupos com indivíduos locais. Tem como principais predadores os tubarões de grande porte e a baleiaorca. O predador de maior porte é a baleiaorca. O predador de menor porte é a baleiaorca.

Tubo-cavado (*Probatostichus*): É o maior e o mais raro tubarão. É um peixe marinho, seu corpo é quase desprovido de pele, com espinhos duros, longos e curtos, mas tem olhos bem apertados. Habita regiões costeiras, sendo mais encontrado perto de rios e lagoas no Baixo do Estado. No Estado, há significativa redução na Região Sudeste, especialmente pela redução de sua habitat.

Milho-falso-de-areia (*Leontopithecus rosalia*): Vive em áreas de mata, com pequenas manchas de mata do Baixo do Rio São João. Os principais motivos são os impactos biológicos do Projeto das Águas e Usinas, em São João de Meriti e Casimiro de Abreu. Um grande grupo de indivíduos vive em grupos familiares. A perda, portanto, se dá em função da perda de habitat.

Saracá-de-paraná (*Stethacanthus*): É uma das poucas espécies de peixes que vive no Baixo do Rio Paraíba do Sul, com habitat predominantemente a forte correnteza. São locais de grande risco de extinção a longo prazo de 50 em de conservação. Uma espécie que teve considerável valor comercial para a pesca profissional. A destruição e a degradação ambiental de Baixo do Rio são as principais ameaças.



Critérios para a seleção das 10 spp

Foram levantadas todas as espécies de Fauna listadas no Livro Vermelho (MMA), que ocorrem no Estado do Rio de Janeiro. A esta listagem foi aplicado um filtro de importância, com os seguintes critérios:

Ocorrência	Pontos	Grau de Ameaça Nacional	Pontos	Grau de ameaça Estadual	Pontos
Endêmico (RJ)	3	Criticamente em perigo	3	Provavelmente e Extinto	4
Mata Atlântica (MA)	2	Em perigo	2	Criticamente em perigo	3
Brasil (BR)	1	Vulnerável	1	Em perigo	2
				Vulnerável	1

Após a pontuação, as 10 espécies foram eleitas de forma a garantir uma diversidade representativa dentre as classes e que a soma de suas potenciais áreas de ocorrência abrangessem todo o Estado do Rio de Janeiro.



Jacutinga

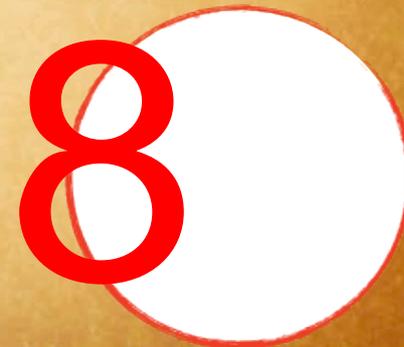
Pipile jacutinga

Aburria jacutinga é um dos mais bonitos e emblemáticos endemismos da Mata Atlântica, talvez tenha sido, no passado, um dos cracídeos mais abundantes neste bioma. Amplamente distribuída, a jacutinga podia ser encontrada desde a Bahia até o Rio Grande do Sul



Espécie florestal, prefere as matas primárias de baixada e de média altitude, havendo registros até 1.000 m de altitude. Aparentemente, era mais comum ao longo de cursos d'água do que no interior das florestas, de maneira similar às outras espécies do gênero. Passa a maior parte do tempo nas árvores, descendo ao solo apenas para apanhar alguns frutos caídos ou para beber água. Essencialmente frugívora, possui uma dieta ampla, que inclui os frutos do palmito (*Euterpe edulis*), um dos seus alimentos favoritos. Regurgita as sementes ingeridas ou as elimina juntamente com as fezes, apresentando um papel importantíssimo na dispersão de sementes nas florestas onde habita. Solitária ou em pequenos grupos, é discreta e passa muitas vezes despercebida nas copas das árvores. A reprodução parece concentrar-se no segundo semestre, especialmente entre agosto e novembro. A fêmea coloca de dois a três ovos de casca branca, que se torna marrom com o passar do tempo. As estimativas sobre o tamanho populacional da espécie são escassas.

Endemismo	2
Mata Atlântica	
Grau Ameaça Nacional	2
Em Perigo	
Grau Ameaça Estadual	4
Potencialmente Extinto	





Surubim-do-paraíba

Steindachneridion
parahybae

Steindachneridion parahybae ou surubim-do-paraíba é um bagre de grande porte, atingindo pelo menos 60 cm de comprimento (Oliveira & Moraes Júnior, 1997). Possui hábitos predominantemente noturnos, ocasionalmente sendo capturado também ao entardecer. Sua ocorrência está geralmente associada a poções não muito profundos localizados nas regiões centrais dos rios e próximos a corredeiras. Bizerril (1999) associa ainda sua ocorrência a áreas intermediárias, tais como as encontradas nos remansos das ilhas fluviais e nos encontros de rios. Seu hábito alimentar é carnívoro bentófago (vasculha o fundo do rio), com a dieta consistindo de peixes (*Rineloricaria* sp. e *Pimelodella* sp.) e crustáceos (*Trichodactylus* sp.) (Moraes Júnior & Caramaschi, 1993). O surubim-do-Paraíba é presumido como sendo um migrador, porém não existem estudos sobre a reprodução da espécie na natureza. Considerada como uma das poucas espécies nobres da bacia do rio Paraíba do Sul, foi outrora importante para a pesca profissional. Até recentemente (2002), esta espécie era capturada com relativa frequência no rio Pomba, e constituía parte importante das capturas dos pescadores profissionais.

Endemismo	2
Mata Atlântica	
Grau Ameaça Nacional	3
Criticamente em Perigo	
Grau Ameaça Estadual	2
Em Perigo	



Formigueiro-do-litoral

Formicivora littoralis

Formicivora littoralis foi descoberta pela primeira vez em 1951, mas descrita apenas quase 40 anos depois, como uma subespécie de *Formicivora serrana*. *Formicivora littoralis* é restrita a uma estreita faixa coberta por formações de restinga arbustiva ou arbórea sobre solo arenoso, ao nível do mar, que são substituídas por uma vegetação arbustiva com abundância de cactos e euforbiáceas (*Croton* sp.), nas vertentes de elevações litorâneas e ilhas costeiras. É considerada a única espécie de ave endêmica do ambiente de restinga. Embora seja localmente abundante em habitat apropriado (ilha de Cabo Frio, por exemplo) e capaz de persistir em pequenas áreas isoladas de habitat remanescente, sua população total deve ser pequena e certamente declinou muito nos últimos dez anos, em decorrência da expansão imobiliária na sua área de ocorrência, onde nenhuma medida efetiva de proteção foi tomada desde a sua descrição e imediata inclusão em listas de espécies ameaçadas de extinção no Brasil

Vive em monogamia, formando casais que estabelecem e defendem vigorosamente territórios, que são mantidos ao longo de todo o ano. Essas aves alimentam-se basicamente de insetos, capturados tanto nos ramos e folhagens de arbustos quanto no próprio solo, deslocando-se constantemente por meio de pequenos saltos e curtos vôos.. Os únicos ninhos descritos dessa espécie foram encontrados em junho, outubro e novembro, na ilha de Cabo Frio. Esses ninhos eram tigelas construídas com fibras vegetais por ambos os membros do casal, que também se revezavam na incubação dos ovos, em número de dois, e na criação dos filhotes.

Endemismo	3
Rio de Janeiro	3
Grau Ameaça Nacional	3
Criticamente em Perigo	3
Grau Ameaça Estadual	1
Vulnerável	1



Lagarto-branco-da-praia

Liolaemus lutzae

Liolaemus lutzae é uma espécie de lagarto que se restringe às áreas de praia e dunas nas restingas em que ocorre, raramente invadindo as porções mais arbustivas. Seu hábitat característico é a faixa de areia localizada junto ao mar (de 50 a 150 m de largura), colonizada por vegetação herbácea. Abrija-se em tocas que escava na areia, em geral junto à vegetação. Possui atividade diurna, entre 6:30 e 14 horas. Durante o tempo em que permanece ativo, *L. lutzae* obtém calor para regular a temperatura corpórea utilizando a radiação direta do sol e o calor da areia e do ar. É um lagarto onívoro, que se alimenta tanto dos artrópodes do solo como das folhas e flores de quatro das espécies de plantas que ocorrem em seu hábitat. O tamanho da área de vida dos machos (cerca de 60 m²) é aproximadamente três vezes o tamanho da área de vida das fêmeas (cerca de 22 m²). *Liolaemus lutzae* possui reprodução sazonal, com uma estação reprodutiva que vai de setembro a março. Após o acasalamento, as fêmeas produzem de um a quatro ovos (dois é o número mais freqüente), que são colocados, a partir de outubro/novembro, em galerias escavadas na areia. Os filhotes eclodem dos ovos com aproximadamente 30 mm de comprimento.

Os jovens crescem de forma relativamente rápida e, na estação reprodutiva seguinte, a maioria deles já atingiu a maturidade sexual, podendo reproduzir com cerca de oito meses de idade.

Endemismo	3
Rio de Janeiro	3
Grau Ameaça Nacional	3
Criticamente em Perigo	3
Grau Ameaça Estadual	1
Vulnerável	1



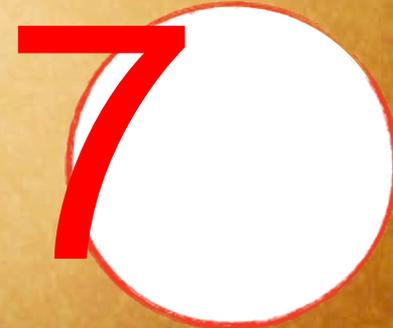
Boto-cinza

Sotalia guianensis

O boto-cinza (*Sotalia spp.*), também conhecido como tucaki, pirajaguara e boto-preto, é um boto da família dos delfínídeos. Tem o hábito de viver em grupo. É muito sociável. Como todos os cetáceos, tem de respirar ar periodicamente, podendo, porém, permanecer submerso por longos períodos. Possui um biossonar que lhe permite localizar objetos e se orientar, utilizando o som e o eco. Geralmente, seus dentes são todos iguais, existindo apenas uma dentição. A maioria dos botos-cinzas se alimenta de peixes e lulas e, ocasionalmente, de crustáceos.

A fêmea dá à luz apenas um filhote, após um ano de gestação. Durante o trabalho de parto, é comum a mãe ser ajudada por outros membros do grupo. O período de amamentação dura sete meses em média. Os botos-cinzas são ótimos nadadores, atingindo velocidades de até sessenta quilômetros por hora e saltando até cinco metros acima da água. Podem viver até oitenta anos. Utilizam a técnica de pesca em grupo, que facilita o cerco dos peixes. Seu tato é bastante desenvolvido. Ocorrem muitos toques entre os botos, o que, segundo pesquisas, pode ser um tipo de comunicação. Sua principal ameaça são as redes de pesca onde, por acidente, acabam ficando presos e morrendo afogados. Desde 1986, são proibidas a pesca, caça, perseguição ou captura de cetáceos nas águas brasileiras.

Endemismo	3
Estuarino	
Grau Ameaça Nacional	1
Vulnerável	
Grau Ameaça Estadual	3
Criticamente em Perigo	



Muriqui

Brachyteles arachnoides Brachyteles hypoxanthus

Brachyteles arachnoides é o maior primata das Américas e o maior mamífero endêmico da Mata Atlântica tropical e de todo o Brasil, ocorrendo nas matas semidecíduas do Sudeste do país. A espécie apresenta peso médio de 15 kg para o macho e 12 kg para a fêmea e seu tamanho pode ultrapassar 78 cm (Aguirre, 1971). Possui pelagem espessa, de coloração entre o bege-claro, o cinza-amarelado e o castanho-claro (Petroni, 1993). Tem cauda longa preênsil (consegue se agarrar), com o terço final desnudo, formando uma superfície tátil (Hill, 1962). Possui um dos maiores tamanhos de cérebro entre todas as espécies de primatas neotropicais (Hill, 1962; Talebi *et al.*, 2006). Sua alimentação natural é composta de frutos, folhas, flores, lianas e epífitas (Strier, 1991). *Brachyteles arachnoides* parece ser bem flexível quanto à fragmentação de hábitat, mas informações precisas sobre sua demografia em ambientes florestais menos fragmentados não foram suficientemente levantadas.

Endemismo	2
Mata Atlântica	
Grau Ameaça Nacional	2
Em Perigo	
Grau Ameaça Estadual	3
Criticamente em Perigo	

7



Mico-leão-dourado *Leontopithecus rosalia*

É um primata endêmico da Mata Atlântica de baixada costeira do Estado do Rio de Janeiro. Sua coloração varia de dourado a vermelho-dourado e laranja, podendo ocasionalmente apresentar pelagem marrom ou preta na cauda e nas patas traseiras (Kleiman *et al.*, 1988); apresenta tufo na orelha, nos pulsos e nas patas dianteiras (Dietz *et al.*, 1995). Um indivíduo adulto pesa em média 550 a 600 g e mede cerca de 60 cm da cabeça até a ponta da cauda (Coimbra-Filho & Mittermeier, 1973; Coimbra-Filho, 1976; Hershkovitz, 1977). O mico-leão-dourado vive em grupos familiares com uma média de seis micos por grupo, podendo variar de dois a 14 indivíduos. A base da dieta do mico-leão-dourado é constituída por frutos, néctar, invertebrados, pequenos vertebrados e exsudatos (seiva de árvores) (Procópio-de-Oliveira *et al.*, 2008;).

Estudos sobre o papel do mico-leão-dourado na dispersão de sementes vêm sendo conduzidos na Reserva Biológica União desde dezembro de 1998 (Lapenta, 2002; Lapenta *et al.*, 2003; 2004; Lapenta & Procópio-de-Oliveira, 2005a; 2005b; Lapenta, 2006) e têm demonstrado que *L. rosalia* pode ser considerado como agente dispersor legítimo para a maioria das espécies que se alimenta (Lapenta, 2002). A reprodução de *L. rosalia* é sazonal, com os nascimentos ocorrendo de setembro a março, com picos em outubro e fevereiro (Dietz *et al.*, 1994). Procópio-de-Oliveira (2002) calculou o tamanho médio da área de uso em 109,2 ha para a população de *L. rosalia* da Reserva Biológica União.

Endemismo	3
Rio de Janeiro	
Grau Ameaça Nacional	2
Em Perigo	
Grau Ameaça Estadual	2
Em Perigo	



Cágado-do-paraíba

Phrynops

hogeï

Mesoclemmys hogeï foi descrita somente em 1967, com base em um único exemplar (Mertens, 1967). Em 1980 apresentaram dados sobre oito espécimes preservados, encontrados em museus, e quatro espécimes vivos, encontrados em coleções particulares. Segundo Rhodin *et al.* há três conjuntos de características em *M. hogeï* que a distinguem de outros *Phrynops*: cabeça relativamente estreita, sem marcas, uniformemente marrom na parte dorsal e clara em sua parte ventral, com uma linha bem definida que se estende da borda da maxila até o tímpano; carapaça lisa, sem quilha ou sinal marginal na parte superior; e plastrão amarelo ou com manchas cinzentas. A região inferior das partes moles apresenta uma singular coloração alaranjada. *Mesoclemmys hogeï* apresenta hábitos aquáticos e uma área de distribuição bastante restrita, estando presente nos Estados do Rio de Janeiro, sudeste de Minas Gerais e sul do Espírito Santo, em altitudes localizadas abaixo dos 500 m . A distribuição de *M. hogeï* parece relacionar-se com rios de maior grandeza, ocupando preferencialmente os trechos em remanso . Suas populações são aparentemente disjuntas e apresentam baixas densidades . Os estudos realizados no rio Carangola, conduzidos por Drummond (2002), demonstram que as fêmeas, quando adultas, são maiores que os machos, tanto no que diz respeito ao comprimento da carapaça quanto ao peso. O comprimento médio de *M. hogeï* é de aproximadamente 27 cm de carapaça, podendo atingir 38 cm. O maior peso encontrado para a espécie foi de 3,5 kg. Quanto aos hábitos alimentares, a espécie é onívora, deslocando-se, em média, apenas de 3 a 15 m por dia. Para as populações do rio Carangola, verificou-se que o período de desova de *M. hogeï* está associado ao final dos meses chuvosos, e estimado que o período de incubação dos ovos é superior a 6 meses, de modo que o nascimento dos filhotes coincida com o início do período chuvoso

Verificou-se o número de sete ovos para cada fêmea da espécie. O fato de a espécie ter sua distribuição em uma bacia densamente ocupada, com intensa interferência antrópica, torna urgente o estabelecimento de ações emergenciais para sua proteção e conservação.

Endemismo	2
Mata Atlântica	
Grau Ameaça Nacional	2
Em Perigo	
Grau Ameaça Estadual	1
Vulnerável	

5



Tatu canastra

Priodontes maximus

É o maior tatu existente. Seu comprimento pode chegar a 1,5 m, incluindo a cauda, e os adultos podem atingir 60 kg (Nowak & Paradiso, 1983), devido a esta característica é chamado de tatu-carreta ou tatu-açu em partes do Brasil. Apresenta uma carapaça escura tendo o corpo quase totalmente desprovido de pêlos. Possui os sentidos de audição e visão pouco desenvolvidos, mas o seu olfato é muito aguçado para a procura de alimento. A dieta do tatu-canastra é constituída principalmente de cupins e formigas e ocasionalmente de outros insetos, aranhas, minhocas, larvas, cobras e carniça (Nowak & Paradiso, 1983; Anacleto & Marinho-Filho, 2001). As adaptações para essa alimentação incluem garras dianteiras poderosas para escavar formigueiros e cupinzeiros, língua vermiforme (em formato cilíndrico) e glândulas salivares grandes. Ao contrário de outros tatus, esta espécie frequentemente destrói os cupinzeiros quando está se alimentando (Eisenberg & Redford, 1999). Portanto, o tatu-canastra é um importante regulador das populações desses insetos no ecossistema. A espécie tem hábito principalmente noturno, e pode permanecer na toca por vários dias, sendo raramente vista (Eisenberg & Redford, 1999). Muitas vezes, as tocas do tatu-canastra são utilizadas para determinar a existência das populações na natureza e a preferência de habitats da espécie

O tatu-canastra é encontrado em áreas de Cerrado e florestas tropicais (Eisenberg & Redford, 1999). No Brasil Central, a espécie utiliza preferencialmente o Cerrado, enquanto outros habitats, como mata e campo úmido, são utilizados em menor proporção, principalmente para as atividades de alimentação (Anacleto, 1997). A espécie tem hábito solitário e só encontra outros indivíduos na época do acasalamento. A fêmea do tatu-canastra usualmente tem apenas um filhote por vez, mas o nascimento de dois filhotes já foi registrado (Krieg, 1929).

Endemismo	1
Brasil	
Grau Ameaça Nacional	2
Vulnerável	
Grau Ameaça Estadual	3
Criticamente em Perigo	



5

Preguiça-de-coleira

Bradypus torquatus Illiger,

1811

É uma espécie endêmica da Mata Atlântica brasileira. Caracteriza-se por uma pelagem espessa de cor castanho-claro, uniforme por todo o corpo, e uma coleira de pêlos longos e pretos ao redor do pescoço. Nos indivíduos adultos (acima de 4 anos), a coleira preta é maior e mais negra nos machos do que nas fêmeas (Lara-Ruiz & Chiarello, 2005). Assim como as outras preguiças possui hábito arborícola restrito, baixo metabolismo e dieta estritamente folívora, composta por espécies de árvores e cipós – pouco mais de 30 espécies foram até agora identificadas, sendo que cada indivíduo consome cerca de 15 a 20 espécies/ano (Chiarello *et al.*, 2004).

Esta é a maior e mais pesada das preguiças do gênero, podendo atingir 10 kg, sendo as fêmeas mais pesadas do que os machos (Lara-Ruiz & Chiarello, 2005). Os indivíduos vivem solitariamente em áreas de vida que raramente excedem a 10 hectares, e possuem em média entre 1 e 2 hectares por preguiça (Chiarello *et al.*, 2004). Pelo menos entre as fêmeas, as áreas de vida têm pouca sobreposição com a de indivíduos vizinhos. As fêmeas produzem apenas um filhote por ano, que atinge a independência por volta dos 8 a 10 meses de vida, quando abandona a área da mãe para se estabelecer em outro local da floresta.

Bradypus torquatus é encontrada em matas primárias (nativas, intactas), mas também é capaz de sobreviver e até mesmo atingir grandes populações em matas secundárias (em regeneração). Habita tanto florestas localizadas ao nível do mar (sul da Bahia, centro-norte do Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro) como florestas baixo-montanas (600-900 m de altitude). Ainda não foi encontrada acima dos 1.000 m

Endemismo	2
Mata Atlântica	2
Grau Ameaça Nacional	1
Vulnerável	1
Grau Ameaça Estadual	2
Em Perigo	2

5



Programa de Proteção às Espécies Ameaçadas de Extinção da Mata Atlântica

Estratégia

- Criação e Ampliação de UC para proteção e conservação dos habitats das espécies;
- Apoiar a implementação do Planos de Ação Nacional no nível do ERJ;
- Criação de mecanismos financeiros de apoio à projetos de pesquisa que visem ampliar o conhecimento e estratégia para conservação das 10 espécies ameaçadas;
- Gerar subsídios para o licenciamento ambiental com foco nas áreas de ocorrência das 10 espécies ameaçadas
- Popularização do conhecimento das espécies, status de conservação das 10 spp, através dos meios de comunicação;
- Sensibilizar através da Educação Ambiental o público escolar.

Programa (em desenvolvimento) de Proteção às Espécies Ameaçadas de Extinção do Estado do Rio de Janeiro

Objetivos

- Orientar políticas públicas de conservação da biodiversidade e estabelecer medidas que visem a reversão do quadro de ameaça às espécies;
- Atuar conjuntamente com outros órgãos governamentais, não governamentais e Instituições de pesquisa integrando ações, conhecimentos e políticas de conservação da biodiversidade;
- Apoiar a política de educação ambiental desenvolvendo a temática da diversidade da vida como valor ético-político.



Secretaria
do Ambiente

Patrícia Rocha

Geógrafa / Técnica Ambiental

Superintendência de Biodiversidade e Florestas

Secretaria de Estado do Ambiente/RJ

srfpatricia@gmail.com

(21) 2334-5908